
Sarcófago do Cerro do Faval (Ourique): intervenção de emergência

MANUELA DE DEUS*
NUNO VASCO OLIVEIRA*
CIDÁLIA DUARTE*

R E S U M O Em Outubro de 1998, um dos arqueólogos do IPA da Extensão de Castro Verde foi alertado para a existência de uma sepultura recentemente violada na propriedade do Monte Novo-à-Rez (Ourique). Uma vez no local, verificou tratar-se de um sarcófago em mármore cujo tampo e respectiva estrutura de cobertura haviam sido danificados e o interior totalmente remexido. Dado o estado de destruição do monumento optou-se por proceder de imediato a uma intervenção de emergência, na expectativa de poder recuperar alguma informação.

A escavação durou cerca de uma semana, tendo o sarcófago sido retirado e guardado no depósito de materiais da Extensão do IPA. Os vestígios osteológicos humanos recuperados apontam claramente para a existência de duas inumações e a análise da estrutura e do espólio exumado indicia uma cronologia entre a 2.^a metade do século IV e a 2.^a metade do século V.

A B S T R A C T In October 1998, the IPA delegation in Castro Verde was alerted about a recently disturbed and violated burial. Located at the Monte Novo-à-Rez estate, in Ourique (central-south of Portugal), the grave was identified as a one-piece marble coffin, whose cover and closing structure had been recently destroyed and its interior completely revolved. Once the site was still vulnerable to further destruction, a salvage excavation was undertaken in order to preserve the existing structures.

Fieldwork lasted about a week and the coffin was removed and stored at the IPA delegation in Castro Verde. The recovered osteological remains clearly indicate the occurrence of two different inhumations and the analysis of the structure and its associated materials point towards a chronology between the second half of the 4th century and the second half of the 5th century AD.

1. O sítio

O local onde foi identificado o sarcófago do Cerro do Faval está implantado na margem direita do rio Sado, numa suave vertente voltada a Norte e que termina numa linha de água subsidiária do barranco das Almoleias. A paisagem envolvente é caracterizada por uma série de elevações pouco pronunciadas que conferem um aspecto ondulado à paisagem. Actualmente existe em toda a área um montado de sobro disperso, sendo a pastorícia e o cultivo de cereais as principais formas de ocupação do solo. Este é muito argiloso e integra-se no complexo vulcano-silicioso da faixa piritosa alentejana.

O sarcófago do Cerro do Faval foi encontrado na propriedade do Monte Novo-à-Rez, na freguesia da Conceição, concelho de Ourique (Fig. 1) e está localizado a uma altitude de cerca de 175 m (CMP 1:25 000 fl. 547, de 1988).

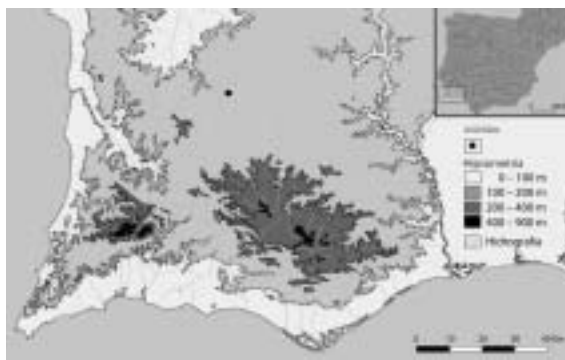


Fig. 1 Localização do sarcófago do Cerro do Faval.



Fig. 2 Aspecto do monumento aquando da primeira visita ao local.

2. Enquadramento

Após ter sido alertado no dia 28 de Outubro de 1998 para a existência de um sítio arqueológico recentemente violado por acção de lavouras no concelho de Ourique, um dos signatários (NVO) deslocou-se no próprio dia ao local para averiguar a necessidade de uma possível intervenção. Aí chegado, verificou tratar-se de um sarcófago em pedra cuja laje de cobertura e respectiva estrutura de fecho haviam sido parcialmente destruídas e o interior removido (Fig. 2).

Tendo-se optado por proceder à intervenção de emergência, foram requeridas as necessárias autorizações para dar início aos trabalhos arqueológicos. Contactado o rendeiro da propriedade, foram igualmente recuperados os materiais arqueológicos exumados aquando da violação e que estavam entretanto na sua posse.

Os trabalhos de campo tiveram início no dia 29 de Outubro e foram concluídos no dia 5 de Novembro, tendo sido dirigidos por dois dos signatários (NVO e MD).

3. Estratégia de intervenção e estratigrafia detectada

Foi definida e quadriculada uma área de 6 m² ao longo do eixo longitudinal do sarcófago (Fig. 3), procurando deste modo incluir dentro dos seus limites uma provável vala de implantação.

A intervenção foi conduzida em função das camadas naturais detectadas, tendo estas sido escavadas por planos artificiais. Retirada a camada de terras de lavoura modernas, optou-se por



Fig. 3 Plano 1.



Fig. 4 Escavação de 2 metros quadrados de solo geológico para visualizar a forma de implantação do sarcófago.

escavar dois metros quadrados do nível de solo geológico não afectado pela vala, com o objectivo de melhor compreender a forma de implantação do sarcófago (Fig. 4). Foi igualmente crivado todo o sedimento que se encontrava à superfície e que tinha sido removido do interior do sarcófago aquando da sua violação.

Foram identificadas três camadas arqueológicas distintas, numeradas de zero a dois (Figs. 5 e 6):

Camada zero – É constituída por um sedimento argiloso de cor castanha avermelhada, apresentando uma espessura que varia sensivelmente entre os 10 e os 19 cm. Trata-se de uma camada de terras superficiais revolvidas pelas lavouras e que na base contém algumas pedras de pequena dimensão. Esta camada sobrepõe-se à estrutura de cobertura do sarcófago e ao solo geológico não afectado pela abertura da vala de implantação.

Camada um – Trata-se de uma camada constituída por solo geológico bastante argiloso, de cor avermelhada quando seca e na qual foi escavada a fossa para implantação do sarcófago. Em alguns pontos apresenta uma coloração mais acastanhada e algumas pequenas pedras, provavelmente devido à existência de grandes raízes nessas zonas. O sarcófago assenta directamente sobre esta camada argilosa.

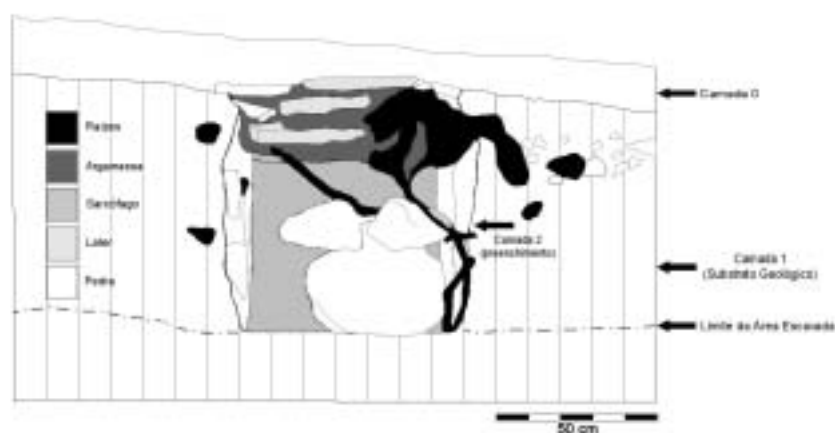


Fig. 5 Perfil A-B.



Fig. 6 Perfil C-D.

Camada dois – Camada de preenchimento do espaço entre o sarcófago e a interface da vala de implantação. É constituída por lajes de xisto e grauvaque colocadas em cutelo, colmatadas por terra argilosa de cor castanha avermelhada. Uma vez que a sua coloração se confunde com a da camada um e nem sempre é possível distingui-las claramente pela análise dos perfis, os limites desta camada são essencialmente definidos pelas pedras colocadas em cutelo e pela menor compacidade das terras que a compõem. Foi detectada nesta camada uma lucerna intencionalmente depositada (Fig. 7).



Fig. 7 Pormenor da lucerna depositada na Camada 2.

Após a abertura da vala e a deposição do sarcófago, foram colocadas pedras em cutelo entre o solo geológico e as paredes laterais daquele. Sobre a tampa do sarcófago e agregada a esta, foi construída uma estrutura em vários níveis intercalados de argamassa, tijolo e pedras que selava por completo todo o monumento (Fig. 8).

Para além da referida lucerna detectada na camada 2, terão sido depositadas no interior do sarcófago e junto com as inumações (ou apenas com uma delas) uma taça em cerâmica e pelo menos duas peças em vidro. Quer o vidro quer a maior parte dos fragmentos de taça foram recolhidos na crivagem das terras à superfície que haviam sido retiradas do interior da estrutura no seguimento da violação.



Fig. 8 Pormenor de um dos tirantes de ferro sobre o qual assentava a laje de cobertura.

5. O sarcófago

O sarcófago, de orientação E-W, é constituído por uma peça única em mármore acinzentado de provável proveniência regional (tipo Trigaches) cujo interior foi escavado, apresentando-se em bom estado de conservação². A tampa, no mesmo material, assentava sobre as paredes laterais e sobre três tirantes em ferro dispostos transversalmente e equidistantes. Dois destes tirantes e grande parte da tampa foram destruídos pela recente violação (Fig. 9).

Apresenta as seguintes dimensões:

– Eixo longitudinal	198 cm
– Eixo transversal	60 cm
– Profundidade média do interior	46 cm
– Espessura média das paredes laterais	4 cm
– Espessura média do fundo	5 cm
– Espessura média da tampa	3 cm
– Espessura média da estrutura de cobertura	25 cm

Embora até ao momento apenas tenha sido identificado um sarcófago neste local, tal não significa que se trate de um enterramento isolado. Tal como já foi sugerido para outros locais (Maciel, 1996), este exemplar deverá certamente fazer parte de uma necrópole constituída por outros sarcófagos e/ou por outro tipo de enterramentos, associada a uma área habitacional ainda

não identificada. O sarcófago em arenito de Talaíde (Cascais) foi encontrado num contexto de necrópole (Cardoso et al., 1995). O sarcófago do Monte da Azinheira terá sido encontrado, juntamente com outros sarcófagos e com urnas funerárias, numa herdade alentejana na zona de Reguengos de Monsaraz. O sarcófago de Évora foi igualmente encontrado numa herdade dos arredores desta cidade e terá, provavelmente, “...pertencido a um mausoléu de uma *uilla* suburbana” (Maciel, 1996, p. 126).

No panorama das formas de enteramento durante a Antiguidade Tardia no actual território português, são escassas as referências a sarcófagos. Os exemplares de sarcófagos decorados (ou de fragmentos destes) têm merecido especial atenção pela sua raridade e valor iconográfico. Na região está registada, pelo menos, a presença de dois sarcófagos no actual concelho de Santiago do Cacém, provenientes do Monte da Ortiga do Meio. De acordo com os responsáveis pela sua escavação, são constituídos por duas caixas sepulcrais, com tampa, construídos num material muito friável, eventualmente arenito.

Ao nível do espólio apenas continham restos osteológicos humanos, tendo sido identificados dois indivíduos na primeira sepultura — um de idade avançada e um adulto jovem — e um indivíduo adulto na segunda (Correia e Oliveira, 1992). Esta reutilização da estrutura sepulcral está ligada ao uso familiar destes espaços, sendo semi-limpa e reutilizada em caso de morte posterior à da sua primeira utilização. Em Portugal, e sob influência romana, o uso sucessivo da sepultura não é exclusiva dos sarcófagos, verificando-se esta prática em sepulturas construídas com lajes, como o caso da sepultura das Casas do Canal, em Borba (Duarte, 1996).

6. Espólio

O espólio do sarcófago do Cerro do Faval é constituído por uma lucerna e uma taça em *terra sigillata* africana e vários fragmentos de vidro. Foram igualmente recuperados restos osteológicos humanos. A maior parte dos ossos pertence a um adulto de idade avançada, a avaliar pela degeneração artrítica da maior parte das zonas articulares preservadas.

Embora a exumação não tenha sido feita por antropólogos³, deve colocar-se a hipótese de se tratar de uma reutilização de uma sepultura onde anteriormente havia sido inumado um indivíduo, representado presentemente pelo cúbito esquerdo e pelos fragmentos de crânio de sutu-



Fig. 9 Vista do sarcófago escavado, com pormenor da estrutura de cobertura *in situ*.

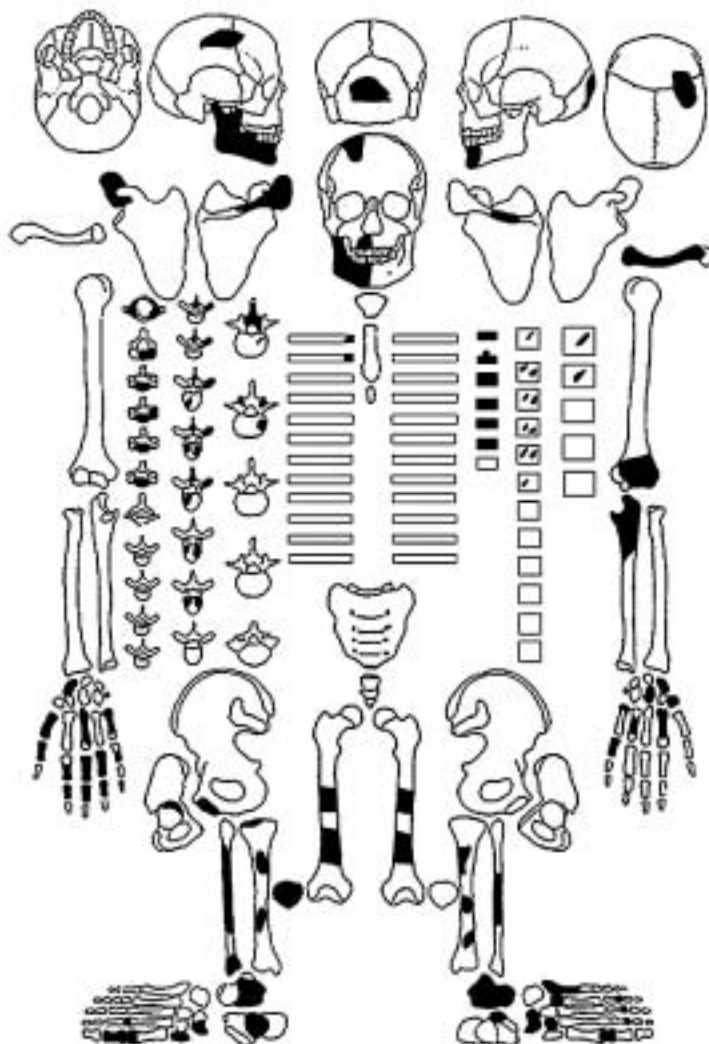


Fig. 10 Porções identificáveis do esqueleto principal (última inumação).

ras não obliteradas. No momento da reutilização deve ter sido depositado o corpo do indivíduo do sexo masculino (Fig. 10), de idade avançada; as suas lesões artríticas revelam-se, sobretudo, na coluna vertebral e nos membros inferiores (Fig. 11). As características do crânio apontam para um indivíduo do sexo masculino (de acordo com Buikstra e Ubelaker, 1994), e o diagnóstico de idade a partir das características da sínfise púbica sugere uma idade superior a 50 anos. As dimensões do astrágalo, de acordo com o método Steele (1976), revisto para a população portuguesa moderna por Silva (1995), confirmam estes dados.

Algumas das superfícies articulares presentes possuem uma marcada formação de osteofitos (Fig. 11), como é o caso de:

- Rótula direita (bordo medial)
- Astrágalo direito (superfície articular de contacto com o navicular)
- Astrágalo esquerdo (superfície articular de contacto com o navicular)
- Navicular esquerdo (superfície articular com o astrágalo e com os ossos cuneiformes)
- Navicular direito (superfície articular proximal e distal)

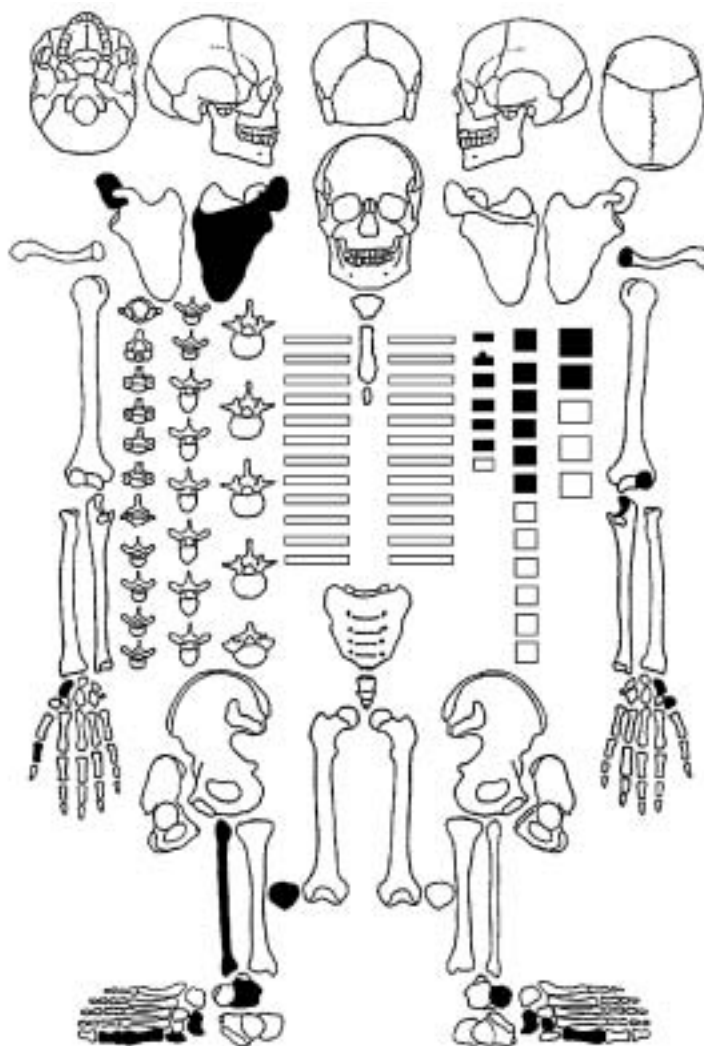


Fig. 11 Porções do esqueleto com lesões degenerativas.

No caso do astrágalo esquerdo há mesmo uma lesão osteolítica acentuada da superfície articular, caracterizada pelo típico brilho e polimento do osso subcondrial. Este tipo de lesões levaria necessariamente a uma dificuldade de mobilidade⁴.

O único artefacto *in situ* é uma lucerna em *sigillata* africana (Figs. 12, 13, 14 e 15) produzida no actual território da Tunísia e que podemos integrar na Forma VIII, Tipo A1a (Atlante, 1981, p. 194-195, Tav. CLVI - CLIX). Esta Forma VIII corresponde à categoria Hayes I B (Hayes, 1972, p. 310).

O corpo e o bico conferem-lhe um aspecto oblongo. O disco está decorado com a representação de um cão a correr e possui dois orifícios de alimentação. A orla é ligeiramente convexa e está decorada com palmetas estilizadas incisas de dois lados.

O bico é largo e está unido ao disco por um largo canal de alimentação, apresentando um grande orifício de combustão. A asa é maciça e projectada para cima, com uma ranhura central que se prolonga até à base (excepto na junção das partes inferior e superior). A base da lucerna não apresenta um pé diferenciado, sendo antes ligeiramente côncavo, delimitado exteriormente por um sulco que se prolonga em duas linhas paralelas em direcção à asa. Entre estas duas linhas possui outro sulco e duas incisões e no centro do pé existe uma marca de oleiro.



Fig. 12 Lucerna em *terra sigillata* africana (vista frontal).



Fig. 13 Lucerna em *terra sigillata* africana (vista lateral).

No que diz respeito à marca de oleiro, podemos referir como paralelo a publicação de uma marca de oleiro semelhante no Catálogo do British Museum, também presente na base de uma lucerna de produção africana e para a qual se aponta uma cronologia de cerca de 440-550 d.C. (Bailey, 1988, p. 113-138, n.º 1759). A pasta é de cor alaranjada e apresenta vestígios de engobe castanho mel. A moldagem é nítida e não apresenta vestígios de utilização.

Em termos cronológicos, a produção desta Forma VIII situa-se sobretudo entre a segunda metade do século IV e a segunda metade do século V, estando porém a sua utilização atestada em contextos já do século VI (Atlante, 1981, p. 193). O tipo a que pertence o exemplar do Cerro do Faval foi um dos mais difundidos na bacia do mediterrâneo e é a partir desta forma que se assiste



Fig. 14 Lucerna em *terra sigillata* africana (vista dorsal).

a um grande aumento da produção de lucernas e, conseqüentemente, da sua difusão. Este aumento, verificado por volta de meados do século IV, está estritamente relacionado com a expansão da circulação dos vasos em *terra sigillata* Clara D (Atlante, 1981, p.193).

Foi igualmente recuperada uma taça em *terra sigillata* africana (Fig. 16) que pertence ao tipo Atlante, tav. XLVIII, 11, Forma Hayes 91A / Hayes 91 B (Atlante, 1981, p. 105; Hayes, 1972, p. 140).

Trata-se de uma forma aberta pouco esvasada, sendo o corpo quase hemisférico. O bordo é ligeiramente arredondado, apresentando uma aba de curvatura não muito pronunciada pouco abaixo daquele. O fundo da taça detém um pé baixo. No fundo da superfície interna apresenta uma decoração a *guilloché*. A pasta é cor de laranja e conserva engobe um pouco baço e de cor castanha nas superfícies externa e interna.

A cronologia desta forma pode situar-se entre meados do século IV e meados do século VI (Atlante, 1981, p. 106). Em 1972 Hayes, por falta de evidências que atestassem claramente o seu fabrico mais antigo, propôs uma data tardia para o início da produção da forma 91 (tipos A e B), fixada em meados do século V (Hayes, 1977, p. 280). Em 1977 refere que faliu na observação de determinados dados e com base em escavações levadas a cabo na Alemanha e em Cartago, recua um pouco o início da sua produção para cerca de 390-400 d.C. (Hayes, 1977, p. 281). Quanto ao fim da produção desta forma, Hayes coloca o tipo A por volta de 500 e o tipo B por volta de 530. Nas escavações da bolsa de Marselha o tipo Hayes 91 A/B está documentado nos períodos 1 e 2 A, em contextos do século V e de inícios do século VI (Bonifay, 1984, p. 309-315).

Com a crivagem das terras retiradas aquando da violação foram recuperados mais de uma centena de pequenos fragmentos de vidro apresentando um elevado grau de irisão nas superfícies, dos quais foi possível distinguir a presença de pelo menos dois recipientes. Na camada superficial foi recolhido um fragmento de vidro de um outro. O estado de fragmentação não

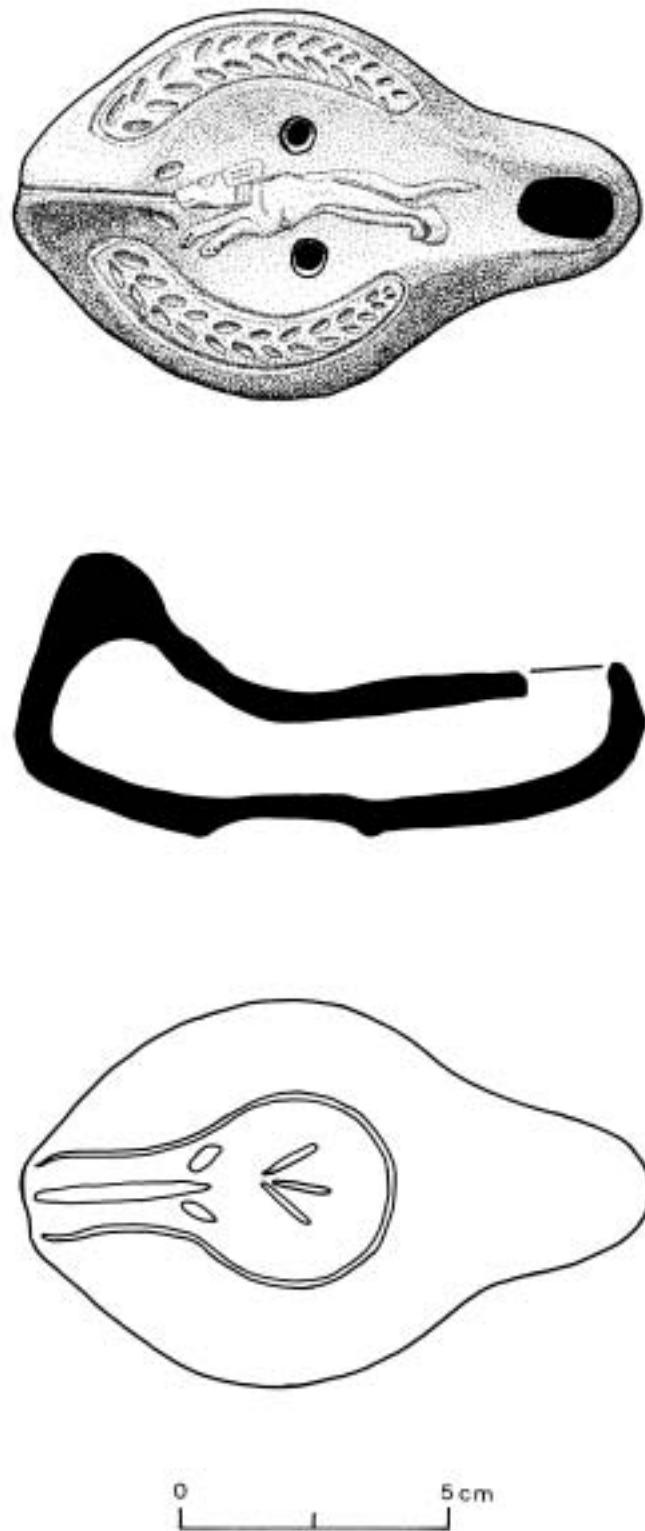


Fig. 15 Lucerna em *terra sigillata* africana.

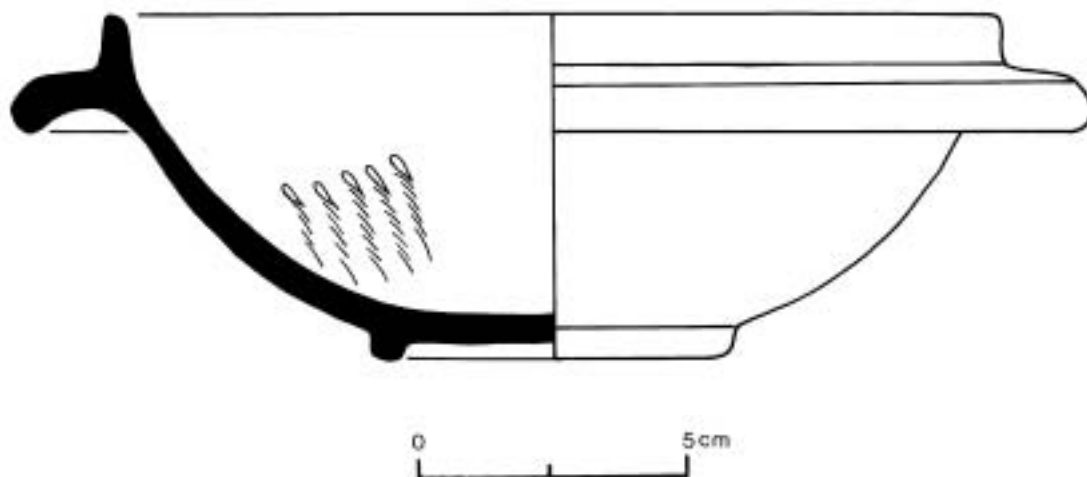


Fig. 16 Taça em *terra sigillata* africana.

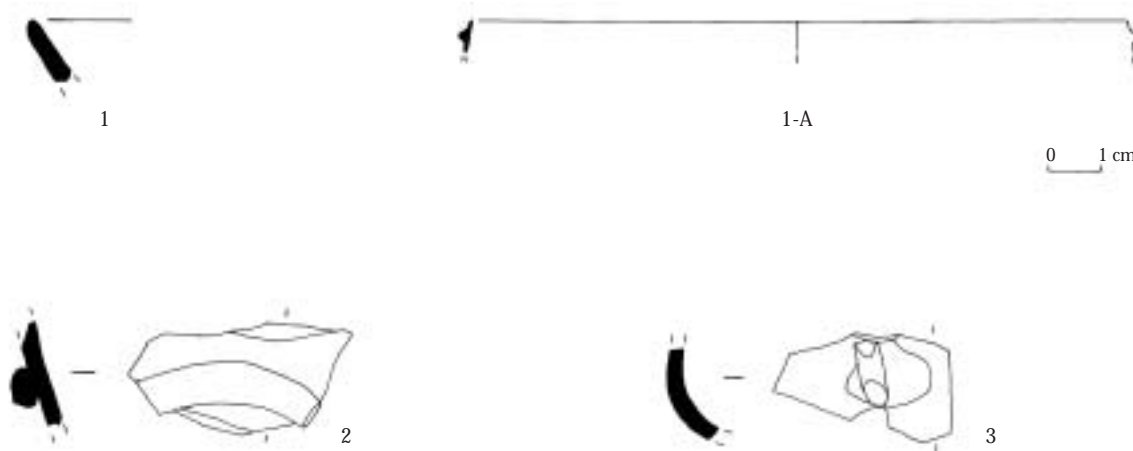


Fig. 17 Fragmentos de vidro (recipiente 1: 1 e 1A; recipiente 2: 2; recipiente 3: 3).

permite a reconstituição formal, a atribuição tipológica e impede uma descrição mais pormenorizada das peças, pelo que, em termos cronológicos, apenas é possível situa-las dentro da Antiguidade Tardia.

Do primeiro recipiente fazem parte dois fragmentos (Fig. 17, 1 e 1A), um pertencente a um bordo e outro de parede com uma aplicação de fio de vidro. Trata-se de vidros soprados de cor *saftgrün* (Berger, 1960), muito irisados, sobretudo nas superfícies internas. A espessura dos fragmentos é de 2 mm e 3 mm, respectivamente.

O segundo recipiente (Fig. 17, 2) é constituído por pequenos fragmentos de bordo, com uma espessura máxima de 2 mm, pertencentes a uma peça com 125 mm de diâmetro, cor *cinzento Caran d'Ache* (Berger, 1960).

O terceiro recipiente (Fig. 17, 3) é representado por apenas um fragmento de vidro, com 3 mm de espessura, recolhido na camada 0. Apresenta uma aplicação de fio vidro e cor *maigrün* (Berger, 1960).

7. Considerações finais

Podemos integrar o sarcófago do Cerro do Faval na Antiguidade Tardia e mais concretamente num período de tempo que vai de meados do século IV a meados do século V, podendo-se prolongar até ao século VI. As duas peças cerâmicas são produções africanas do actual território da Tunísia, conhecendo-se fornos de *sigillata* Clara D na Tunísia central (Peacock, 1990). O período de maior difusão da *sigillata* africana deu-se de meados do século IV a meados do século V, tendo-se difundido amplamente pela bacia do mediterrâneo. Os materiais em questão são exemplo da manutenção, na antiguidade tardia, dos habituais circuitos comerciais marítimos e terrestre romanos, que continuam a fazer chegar ao nosso território a cerâmica em *terra sigillata* africana com os seus motivos decorativos e signos.

É interessante verificar que não existe nenhuma representação clara do cristianismo nos objectos recuperados. Tanto o cão como as palmetas estilizadas, presentes na lucerna, podem funcionar como signos mas não são ainda representações claras do Cristianismo, cujo grande símbolo é o *chrísmo* (Maciel, 1996, p. 209).

A construção de sarcófagos parece estar associada a enterramentos de estratos sociais mais elevados, sobretudo pela morosidade e custo da sua produção. Ao contrário dos enterramentos com cobertura em tégulas, cuja produção era numerosa e cuja estrutura era adaptável a sepulturas de diversas dimensões, o sarcófago é uma peça elaborada propositadamente para um indivíduo ou, pelo menos, de utilização limitada.

Roma introduziu uma série de práticas que reflectiam as suas crenças num modelo de sociedade em que os indivíduos anunciavam o seu estatuto social e económico. Mesmo na morte essas mensagens eram transmitidas, através da arquitectura dos túmulos e dos seus epitáfios (Figueiredo, 2001). A construção de sarcófagos em pedra está associada a indivíduos de estrato económico mais elevado e não é invulgar no Império (*vide* Bahn, 2002).

A forma de enterramento adoptada — a inumação — é característica do império romano na sua fase tardia. Embora os autores associem frequentemente esta prática ao avanço do cristianismo, a relação entre as duas realidades não é directa (*vide* Bahn, 2002, p. 144) dentro do próprio império. No caso português, as práticas funerárias na Idade do Ferro não são exclusivamente de incineração (*vide* Barros et al., no prelo) e, por isso, a prática da inumação não é diagnóstica da antiguidade tardia. A arquitectura do sarcófago pode, contudo, ser um indicador cronológico válido. No sul de França, os sarcófagos rectangulares não decorados estão atestados sobretudo nos séculos V e VI, surgindo muitas vezes associados a basílicas (Colardelle et al., 1996, p. 281-296).

Neste contexto, o sarcófago do Cerro do Faval adquire particular interesse enquanto contributo para o estudo da ocupação tardo-antiga desta região e, mais particularmente, para o estudo das suas práticas funerárias.

Agradecimentos

À CORTIÇOL, pela cedência durante uma semana de duas alunas do Curso de Técnicas Auxiliares de Arqueologia de Castro Verde; à Cidália de Matos e à Cláudia Nobre, que participaram entusiasticamente na escavação. Agradecemos à Dr.^a Maria Maia, à Dr.^a Ana Sofia Antunes, ao Dr. Guilherme Cardoso e sobretudo ao Prof. Carlos Fabião as indicações bibliográficas. Agradecemos ao José Correia o levantamento topográfico, ao Pedro Barros e ao Miguel Almeida as foto-

grafias da lucerna e ao Rui Pedro Tremoceiro pelos incentivos e apoio prestado durante a escavação. Agradecemos ainda à Câmara Municipal de Ourique e aos seus trabalhadores envolvidos na remoção do sarcófago para a Extensão do IPA.

NOTAS

- * Instituto Português de Arqueologia
- ¹ O sarcófago e o espólio associado encontram-se actualmente depositados no depósito de materiais da Extensão do IPA, em Castro Verde.
- ² A escavação teve lugar antes da publicação do actual Regulamento dos Trabalhos Arqueológicos (Dec.-Lei 270/99, de 15 de Julho), cujo Art.º 8 obriga à presença de “especialistas em Antropologia Física”.
- ³ O relatório osteológico exaustivo encontra-se no Instituto Português de Arqueologia e é de livre consulta; a sua informação poderá ser utilizada com autorização da autora (CD) - Processo nº 98/1 (568).

BIBLIOGRAFIA

- AMANTE SÁNCHEZ, M. (1993) - *Lucernas romanas de la región de Murcia: Hispania Citerior*. Murcia: Universidad.
- Atlante = CARANDINI, A.; TORTORELLA, S. (1981) - La ceramica africana. In *Atlante delle forme ceramiche 1. Ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo impero) (Enciclopedia dell'Arte Antica Classica e Orientale)*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana.
- BAHN, P. G. (2002) - *Written in Bones: how humans unlock the secrets of the dead*. Devon: David and Charles Publishers.
- BARROS, P.; BRANCO, G.; DUARTE, C. (no prelo) - A cista dos Gregórios (Silves). *Al-madan*. Almada.
- BELTRÁN, M. (1990) - *Guía de la cerámica romana*. Zaragoza: Libros Pórtico.
- BERGER, L. (1960) - *Römische Gläser aus Vindonissa*. Basel: Birkhäuser Verlag.
- BONIFAY, M. (1984) - Eléments d'évolution de céramiques de l'Antiquité tardive à Marseille d'après les fouilles de la Bourse. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 16, p. 285-346.
- BUIKSTRA, J. E.; UBELAKER, D. H. (1994) - Standards for data Collection from Human Skeletal Remains. In *Arkansas Archaeological Survey Research Series* (Vol. 44), Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey.
- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G.; GUERRA, M. F. (1995) - A necrópole tardo-romana e medieval de Talaide (Cascais) : Caracterização e integração cultural: análises não destrutivas de espólio metálico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 315-339.
- COLARDELLE, M.; DÉMIANS D'ARCHIMBAUD, G.; RAYNAUD, C. (1996) - Typo-chronologie des sépultures du Bas-Empire à la fin du Moyen-Âge dans le Sud-Est de la Gaule. In GALINIÉ, H.; ZADORA-RIO, E. eds. - *Archéologie du cimetière chrétien. Actes du 2^{ème} colloque A.R.C.H.E.A. (Orléans 29 septembre-1^{er} octobre 1994)*. Joué-les-Tours: Fédération pour l'Édition de la RACC/la Simarre (11^e supplément de la Revue Archéologique du Centre de la France), p. 271-303.
- CORREIA, S.; OLIVEIRA, J. C. (1992) - Intervenções arqueológicas do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul no Baixo Alentejo. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 32 [Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira], p. 315-334.
- DUARTE, C. (1996) - Sepultura romana das Casas do Canal (Estremoz). Estudo bio-antropológico. *Vipasca*. Aljustrel. 5, p.121-125.
- FIGUEIREDO, A. (2001) - Death in Roman Iberia: acculturation, resistance and the diversity of beliefs and practices. *Era Arqueologia*. Lisboa. 3, p. 90-107.
- HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- HAYES, J. W. (1977) - North African flanged bowls: a problem in fifth-century chronology. In DORE, J.; GREENE, K., eds. - *Roman Pottery Studies in Britain and Beyond*. Oxford: *BAR Supplementary Series* 30, p. 279-287.
- LOPES, M.C. (1994) - *A sigillata de Repesas: tratamento informático*. Coimbra: Universidade.
- MACIEL, M. J. (1996) - Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal. Lisboa: Edição do Autor.
- PEACOCK, D. P. S.; BEJAOU, F.; BENLAZREG, N. (1990) - Roman pottery production in Central Tunisia. *Journal of Roman Archaeology*. Ann Arbor. 3, p. 59-84.
- ROSENTHAL, R.; SIVAN, R. (1978) - *Ancient Lamps in the Schloessinger collection*. Jerusalem: QEDDEM Monographs of the Institute of Archaeology: The Hebrew University of Jerusalem.
- SILVA, A. M. (1995) - Sex assessment using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*. Coimbra. 13, p. 107-119.
- STEELE, D. G.; BRAMBLETT, C. A. (1988) - *The Anatomy and Biology of the Human Skeleton*. College Station, TX: Texas A&M University Press.

